

Maria Callas: sobre a vida e sobre a morte das divas



“Quando se sobe tão alto, deixa-se de ser livre”, afirma Bellucci, na pele de Callas, a dada altura

Com *Maria Callas – Cartas e Memórias* (texto e encenação de Tom Volf), Monica Bellucci – a actriz italiana mundialmente famosa pela sua carreira cinematográfica – estreia-se no teatro com um retrato daquela que é a mais consagrada voz do século XX. Hoje e amanhã no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, descobrimos a mulher por detrás da diva, da infância em Nova Iorque até aos anos em Atenas, passando pelos píncaros de uma carreira planetária marcada por

escândalos e pela nefasta paixão por Onassis. A vida de Maria Callas acabou por ganhar os matizes trágicos das heroínas que cantou. Para o encenador Tom Volf, este espectáculo é o resultado de sete anos dedicados exclusivamente ao estudo da figura da cantora, que incluíram a realização de uma exposição e do documentário *Maria by Callas*. Tratou-se, de facto, de “um projecto múltiplo, enorme e desafiante, através de um ângulo comum: a voz de Callas, colocada no centro do palco”.

Vítima da exigência para consigo própria e da batalha perene que travou com a voz, *la divina* continuou a trabalhar sem descanso até ao último suspiro, em Paris, aos 53 anos, na completa solidão.

Monica Bellucci estreia-se no teatro, e logo numa cidade que tão bem conhece e ama. Enfrentar este monólogo foi um dos maiores desafios que abraçou na vida. Mas a estrela de cinema italiana não se deixa assombrar pelas dificuldades: “A vida mata, o trabalho não”, gosta de dizer.

Acesso ao Restaurante do TMJB

Segundo as normas emitidas pelo Conselho de Ministros de 8 de Julho, “nos municípios de risco elevado e muito elevado, às sextas-feiras a partir das 19h00, ao fim-de-semana e aos feriados, o funcionamento de serviço de refeições no interior dos restaurantes apenas é permitido a clientes portadores de Certificado Digital COVID da União Europeia ou teste negativo”. Os menores de 12 anos estão dispensados desta obrigação. Nestes períodos, pedimos aos espectadores que aguardem à porta do Restaurante do TMJB (no segundo andar, acesso pelas escadas ou pelo elevador) para serem por nós encaminhados para o seu lugar.

Alteração na programação

Por impossibilidade de viajar para Portugal, a dupla de criadores Laida Goñi e Txalo Toloza viu-se obrigada a anular a sua participação no Festival, onde apresentaria *Tierras del Sud*. Em substituição desta peça apresentamos *Cenas da vida conjugal*, de Ingmar Bergman, com encenação de Rita Calçada Bastos. Os bilhetes de Assinatura que já tinham sido entregues para *Tierras del Sud* podem ser utilizados para assistir a *Cenas da vida conjugal* – que, devido à sua duração, terá o seguinte horário: Sábado 10, às 14h e às 19h, e Domingo 11, às 19h.



A magia do palco

O Teatro Joaquim Benite é um lugar muito especial para a Beatriz e para o Francisco, que costumam referir-se a esta grande casa como “O Teatro Azul”. Ali já assistiram a representa-

ções para o pequeno público que continuam a recordar, como *Os Gatos* ou *O Fantasma das Melancias*, e a tantos concertos de que ainda hoje falam, entre os quais se contam os de Deolinda, GNR e David Fonseca. Ali já celebraram as suas próprias festas de aniversário, rodeados de outros pequenos espectadores com quem quiseram partilhar o gosto por assistir à magia que se produz no palco. Mas também sabem que, quando a sua tenra idade não lhes permite transpor as portas das salas

de espectáculo, há uma equipa de braços abertos para os acolher, desvendando-lhes detalhes dos bastidores e estimulando a sua criatividade e sensibilidade artística e teatral com actividades que depois partilham orgulhosamente com os pais.

O Teatro Joaquim Benite é portanto, para estes dois pequenos grandes espectadores, um lugar de acontecimento, de mistério e de descoberta a que regressam sempre com um misto de emoção e entusiasmo.



© Luana Santos

Beatriz 9 anos de plateia e Francisco 4 anos de plateia

O valor de 5 euros

Durante a conversa, Ivo van Hove, o encenador do espectáculo apresentado no TNDM II referiu o discurso de Édouard Louis como um discurso que dá voz a uma camada da população que nunca é ouvida; uma camada da população operária, que vive longe dos centros urbanos, e que é particularmente pobre e desprotegida. Falou da personagem do narrador, ele próprio excluído não só por pertencer àquele grupo de pessoas, como por ser homossexual, o que o torna objecto de discriminação a partir da própria família. Numa visita ao pai, depois de o narrador ter saído daquele contexto e de ter reformulado a sua existência, como intelectual num meio so-



“Há pessoas para quem 5 euros são uma questão vital”: van Hove citou Édouard Louis.

cialmente afluente, depara-se com um homem de cinquenta anos perto da morte, vítima de um violento acidente de trabalho e da obrigação de ter sido forçado a trabalhar depois desse acidente, precipitando assim uma situação verdadeiramente trágica – a de um homem que chega ao fim da vida, sem ter podido fazer nada contra as condições que tornaram miserável, ou mesmo insuportável e escandalosamente miserável, essa vida.

Quanto à encenação, sob a forma de monólogo, a escolha recaiu sobre o actor Hans Kesting, não apenas pela sua excepcional estatura artística, como pelo facto de, sendo um homem de idade madura, poder reunir numa só figura as personagens do pai e do filho como são apresentadas no romance de que parte o espectáculo (Édouard Louis, *Qui a Tué Mon Père*, Seuil, 2018/ *Quem Matou o Meu Pai*, ed. Elsinore, 2020)

AGENDA DE AMANHÃ

- 11:30
Pastéis de nata para Bach
Academia Almadense
- 15:00
O sentido dos Mestres com Josef Nadj
Fórum Romeu Correia
- 15:00 e 20:30
Duas personagens
Teatro-Estúdio António Assunção
- 15:00 e 20:30
Corpo suspenso
Incrível Almadense
- 18:00
Omnia
Sala Principal do TMJB
- 19:00
Maria Callas
Lettres et mémoires
Centro Cultural de Belém
- 19:00
Cenas da vida conjugal
Fórum Romeu Correia

São Pedro, 2 – Festival, 0

Quando estivemos no Seminário de São Paulo a planear a montagem para a conversa desta tarde, o senhor Padre Rui Gouveia reagiu da seguinte forma às nossas queixas face à inclemência de São Pedro para com os participantes (e público) no colóquio do Sábado anterior: “Lamento, mas não temos livro de reclamações...”. Mas têm *fairplay*, pela forma como nos abriram as portas do Seminário

para conversarmos esta tarde. A julgar pelas previsões meteorológicas, São Pedro vai meter mais um golo ao Festival: prevê-se uma brasa pouco divina para hoje. Só que desta vez estaremos abrigados à sombra dos claustros. Tomara a contenda transalpino-britânica de amanhã estar à altura deste *fairplay* celestial: pois é, o europeu de futebol do ano passado vai finalmente acabar, graças a Deus.

Não é preciso teste para o CCB

Apesar de o Grande Auditório do Centro Cultural de Belém ter mais de 500 lugares, não é necessário realizar teste à covid-19 para ver *Maria Callas*. A lei prevê esta excepção, uma vez que os bilhetes já se encontravam à venda quando o regulamento foi publicado.

RESTAURANTE DO CCB

HOJE
Frango à Moda Marroquina
Maionese de pescada

AMANHÃ
Vitela com passas
Filetes com molho de pickles

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz · Almada